

Owen Davies, *A Supernatural War. Magic, Divination, and Faith during the First World War*, Oxford, Oxford University Press, 2021, 284 p., ISBN 978-0-19-886265-9.

Sendo um dos temas mais abordados pela historiografia, sobretudo pela mão de autores franceses e anglo-saxónicos, e com amplo destaque para a Frente Ocidental, a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) suscitou, quando do centenário, um intenso movimento editorial. Chamando à colação o valioso ensaio de Jay Winter e Antoine Prost, recentemente reeditado, dir-se-ia que os nossos tempos são ainda, em larga medida, tributários da “terceira configuração” de estudos sobre a guerra¹. Numa palavra, se as primeiras décadas sucedendo o conflito foram assinaladas pelo predomínio de trabalhos em veia positivista, os quais versavam a questão militar (a partir da visão dos altos comandos) e a questão diplomática (leiam-se as “responsabilidades”); se o segundo momento, a partir do pós-Segunda Guerra Mundial, com a disseminação do paradigma marxista e a própria massificação das sociedades do mundo ocidental, assentou, acima de tudo, em temas de história social e económica; coube à “terceira configuração”, acompanhando a renovação da Escola dos *Annales*, reequacionar a Primeira Guerra Mundial, tendo também presentes os campos de batalha do Vietname e o pacifismo, o contexto da Guerra Fria e a vaga de independências em África, assim como os movimentos estudantis e feministas das décadas de 60 e 70 – factos que concorreram para a predominância dos estudos culturais.

É, pois, no seio desta última linha que devemos situar o livro aqui analisado, o qual articula história social e cultural. De resto, o influente livro de Paul Fussell, vindo a lume em 1975, tinha já enfatizado a relevância do sagrado e do sobrenatural na guerra de 1914-1918. Com efeito, aí se sublinhavam as diversas lendas que robusteceram a máquina de propaganda dos beligerantes, como os Anjos de Mons ou o “canadiano crucificado”, mas sem perder de vista episódios que fazem do “Cristo das Trincheiras”, exposto no Mosteiro da Batalha, um caso não necessariamente único. Ademais, a crença de que a alienação da guerra engendrara uma estranha sociedade de pessoas, misteriosamente habitando a terra-de-ninguém, e que teria “regredido” ao “estado animal”, não deixava de remeter para o “poilu”, alcunha dada aos soldados franceses, assim como

¹ Jay Winter e Alain Prost, *The Great War in History. Debates and Controversies, 1914 to the Present*, Cambridge, Cambridge University Press, 2020, 2nd Edition.

ecoava tópicos caros a diversos géneros literários². Pense-se no tema colonialista da “fina camada de civilização”, mas prestes a romper-se, que apartaria os Europeus do Outro, em *Heart of Darkness* (1899), de Joseph Conrad; recorde-se a ficção científica de H. G. Wells, em *The Island of Doctor Moreau* (1896). Por seu lado, o mencionado historiador Jay Winter, em *Sites of Memory, Sites of Mourning*, ampliando a concetualização de Pierre Nora, também abordava o sobrenatural, quer discutindo o culto mariano, quer destacando as superstições das trincheiras, quer ainda reavaliando o impacto da guerra na renovação do movimento espiritista e a sua presença na literatura³.

No entanto, se Fussell e Winter consideraram a temática no contexto de numerosos outros elementos da memória individual e coletiva, com o segundo a analisar casos que não apenas o britânico, coube a Owen Davies, docente na Universidade de Hertfordshire, fixar-se apenas no vetor sobrenatural do conflito. Seguindo uma metodologia comparativa e fazendo uso de uma multiplicidade de fontes (não) escritas (p. 13-15), Davies procura responder a uma pergunta já formulada por Winter para o comemoracionismo e o luto: terão estas manifestações tido uma raiz sobremaneira tradicional, adaptando-se às circunstâncias “modernas” do conflito, ou terão antes estas primado pela originalidade?

O livro *A Supernatural War* encontra-se estruturado em sete capítulos, fazendo o primeiro e o último as vezes de introdução e conclusão, respetivamente. Assim, em “1. A World Full of Wonder” (p. 1-15), o autor começa por discutir as fontes às quais recorreu, recordando que mais de dois terços dos combatentes italianos e russos (e portugueses) não possuía os rudimentos da leitura. Como quer que seja, a importância das fontes não escritas transcende a premissa dos valores do analfabetismo, uma vez que importa considerar uma miríade de objetos, onde avultam os amuletos, assim como outras manifestações de cunho etnográfico. Daí que Davies cite alguns estudiosos da época, os quais deram quase de imediato início à recolha e análise de histórias, lendas e rumores que então circulavam, e não apenas na Frente Ocidental. Aliás, “for [Marc] Bloch, the rumours he heard at first hand in the trenches were a fascinating insight into the psychology of eyewitness accounts”, sendo, segundo o autor, importantes na formação deste “pioneer [of] the history of mentalities” (p. 4).

Por sua vez, o segundo capítulo, intitulado “Prophetic Times” (p. 16-53), assume-se como um rico caleidoscópio da *Belle Époque*. Principiando por passar

² Paul Fussell, *The Great War and Modern Memory*, Oxford, Oxford University Press, 2013, p. 124-132.

³ Jay Winter, *Sites of Memory, Sites of Mourning. The Great War in European Cultural Studies*, Cambridge, Cambridge University Press, 2014, p. 54-77.

em revista literatura que foi encarada como profética, uma vez que, desde finais de Oitocentos, diversos escritores vinham antecipando as características de um conflito mundial (p. 16-17), Davies não escamoteia as quadras de Nostradamus, cavalo de batalha de todas as crises e conflitos, conforme a recente pandemia também veio demonstrar (p. 18-20). Mais distante da frente de combate, o capítulo afere o modo como a astrologia foi usada para desacreditar o adversário: nas nossas mãos até poderia ser útil, enquanto nas mãos do outro não passaria de mera crença. Mais adiante, ponderando a influência da teosofia em certos círculos, Davies apresenta o binómio armagedão/nova ordem mundial, como que ecoando a famosa expressão de H. G. Wells sobre “the war that will end war”⁴. Neste sentido, sabe-se como o imaginário do apocalipse inspirou alguns quadros de Otto Dix e o famoso romance *Los Cuatro Jinetes del Apocalipsis* (1916), de Blasco Ibáñez, depois adaptado ao cinema por Vicent Minnelli, em 1962.

Em “Visions, Spirits, and Psychics” (p. 54-98) o fulcro é a frente, apesar das referências a Fátima (p. 65-67) e a outros cenários da retaguarda. Escalpelizando as circunstâncias que originaram o mito urbano dos Anjos de Mons, o autor examina a figura do “white camarade” e outras visões espectrais. Veja-se o quanto a poesia, o teatro e as artes visuais integraram o tema da fantasmagoria para criticar a guerra: desde os famosos poemas *Ballade of the Three Spectres*, de Ivor Gurney, ou *Strange Meeting*, de Wilfred Owen, até à pintura *Défilé des Morts sous l'Arc du Triomphe*, de Georges Scott, e ao final do filme *J'Accuse* (1919), de Abel Gance. Na verdade, estes dois últimos exemplos versam o tema do “regresso dos mortos”, valendo a pena mencionar que, para o caso português, algumas peças de teatro dos anos 20 o chegaram a relacionar com o sebastianismo⁵.

Relativamente ao “4. Telling Fortunes, Telling Tales” (p. 99-134), a tónica é posta nos videntes, mas também numa certa reabilitação da frenologia. De facto, a questão da sorte, do destino e do acaso pareceriam essenciais, pelo que os dois capítulos seguintes os retomam, sobretudo a partir do ponto de vista dos combatentes. Deste modo, “5. Battlefield Luck” (p. 135-176) constitui um *tour de force* etnográfico, reunindo o autor numerosos objetos, muitos dos quais produzidos em série por indústrias que, de súbito, se especializaram nas artes da sorte (p. 167-176). Decerto que este capítulo poderia ser expandido e formar um volume à parte, tantos os exemplos fornecidos. Atente-se no facto de a suástica haver sido usada como amuleto, com algumas marcas a integrarem as suas formas geométricas nos rótulos, a fim de aumentar as vendas (p. 153-154). Acrescente-se

⁴ H. G. Wells, *The War That Will End War*, London, F. & C. Palmer, 1914.

⁵ Sérgio Neto, “Faith, Redemption and Saudade. Civil Religion and the sacred in Portuguese Theatre on the First World War”, *First World War Studies*, 12:2 (2021), p. 111-129.

que, de igual modo, proliferou a adoção de animais como mascotes de regimentos e batalhões, ao mesmo tempo que as suas “qualidades” inspiravam o *design* de amuletos e talismãs (p. 154-159).

No sexto capítulo, “Trench Faith and Protection” (p. 177-217), o autor discorre acerca da presença do sagrado nos campos de batalha. Também aqui, em face da “matança industrial”, religião, superstição e negócio se amalgamaram. Desde os já referidos crucifixos que se mantinham alçados, quando as igrejas tinham aluído após intensos bombardeamentos, até às bíblias, cujas páginas, não raras vezes, se viam alojadas por uma bala perdida, que, de outro modo, teria varado o seu afortunado portador (p. 204-213). Apesar de Davies se focar no cristianismo, a fé da maior parte dos combatentes das frentes europeias, uma última alínea, mais curta, intitulada “Global Faiths”, busca fornecer alguns dados acerca das práticas dos soldados do império otomano e das tropas africanas que os impérios coloniais mobilizaram (p. 214-217).

A concluir, “7. Aftermath” (p. 218-232) trata as questões do “regresso” e das continuidades e das ruturas. Daí decorrem as principais interrogações: terá a Primeira Guerra Mundial suscitado um regresso do sagrado e do sobrenatural? Qual teria sido o grau de originalidade destas expressões? Terão os novos conflitos incorporado estas práticas e crenças ou terá a Grande Guerra constituído, como sucede noutros domínios, um tempo de transição, o início do “shorter 20th century”, para retomar a definição de Eric Hobsbawm?

De facto, ainda segundo Davies, “the idea that the war heralded a brief era of ‘re-enchantment’, so to speak, is problematic” (p. 218). Se é certo que a atividade espírita recrudescer nos anos 20, não resulta menos verdade postular que nem todos procuravam contactar familiares e amigos mortos no conflito. Do mesmo modo, as sociedades teosóficas terão continuado a florescer, prendendo-se o seu ocaso com cisões internas, mais do que com “desencanto”. Avançando dados para as décadas seguintes, sobretudo a partir do exemplo inglês, o autor não tem dúvidas de que a Primeira Guerra Mundial “was influential in the way it cemented the commercialization of talismans and amulets”, assim como “helped incorporate mechanization into the realm of magical” (p. 232). E este interessante estudo fecha com a asserção de que “the First World War and its legacy confirmed that the supernatural was profoundly modern” (p. 232).

SÉRGIO NETO

Universidade de Coimbra, CEIS20/UC

(Centro de Estudos Interdisciplinares/Universidade de Coimbra)

sgdneto@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9737-0029>